



PÁGINAS DE GLÓRIA DE NOSSA ENGENHARIA MILITAR

Aurélio de Lyra Tavares

A história desses últimos cem anos da nossa Engenharia Militar invade muitos campos das atividades nacionais e é muito rica de feitos e de glórias, para ser confinada nos limites próprios de um simples discurso comemorativo. Não é que a não possamos resumir, nas suas grandes linhas, para fixar, apenas, os feitos marcantes do primeiro século de vida, que acaba de completar a mais antiga e a mais gloriosa das Unidades da Arma. O que se torna difícil é abranger, nas justas proporções, sem descolorir nem mutilar, no processo da síntese, os vários e multiformes aspectos da atuação da nossa Engenharia, no passado. As suas glórias militares foram o tema principal das comemorações com que já o Exército celebrou o primeiro centenário do Batalhão Vila-

gran Cabrita. Com isso, não apenas se exaltam os feitos guerreiros da Arma, mas se avivam, no espírito dos que hoje a integramos, as figuras dos heróis que ela deve cultuar, como forma de manter o espírito militar imprescindível às missões que lhe cumpre desempenhar na guerra moderna. As grandes virtudes militares formam os traços mais sugestivos da personalidade de Vilagran Cabrita, que a Arma tem, por isso mesmo, como seu patrono, e sob cujo comando o centenário Batalhão de Engenheiros recebeu o seu batismo de fogo na Ilha da Redenção. É com ele que começa a encher-se de louros a Unidade legendária que recebe, hoje, a homenagem do nosso Instituto, e o destino lhe deu a glória, não apenas de ter conduzido os seus homens nas primeiras

operações de guerra, mas de ter sido, ao mesmo tempo, o herói e o mártir daquela jornada decisiva de 10 de abril de 1866, que abriu, às nossas Forças em operações, as portas do território inimigo. Foi aí que o Batalhão Vilagran Cabrita se consagrou, definitivamente, perante a História, mas essa consagração seria, sem dúvida, ainda maior se chegasse até nós o depoimento daqueles combatentes das outras Armas, testemunhas do trabalho infatigável dos nossos engenheiros, na sucessão dos dias e pela noite a dentro; do seu esforço gigantesco e anônimo, de ferramenta em punho, curtindo frio, atolando-se na lama dos banhados, varando matas hostis, sem vigílias nem esmorecimentos, para que as tropas pudessem marchar, para que os trens passassem atrás delas, assegurando-lhes o rumo certo que as operações exigiam, a despeito dos obstáculos do terreno que, além de adverso, era desconhecido. Porque eles viram, também, nas ações de combate o ímpeto e a bravura com que esses mesmos engenheiros se lançavam ao assalto das fortificações inimigas, aprumando e subindo as escadas de escalada, transportando, de peito aberto, as suas muralhas, penetrando no recinto das praças e lutando ainda ali dentro, como se fossem inesgotáveis as suas reservas de energia e o ânimo com que trabalhavam e combatiam; e ainda viam a persistência com que eles continuavam, depois dos assaltos, a trabalhar e a combater. . . Esses aspectos da atuação da Engenharia, que constituem o seu valor maior, somente a

realidade da guerra permite medir e exaltar na justa expressão do que significam para os sucessos do Exército, que, em geral, se recordam e se cultuam muito mais nos seus resultados do que nas suas causas. Além disso, cumpre não esquecer que os episódios marcantes de uma guerra passam à História sobretudo através das Ordens do Dia e dos Diários de Operações. E o historiador é levado a recolhê-los, como fontes principais, para o relato dos acontecimentos, no trabalho posterior de apreciar, a frio, os feitos mais decisivos, que terminam por constituir a síntese final da História. O processo raramente permite rebuscar, por detrás do cenário vivo das operações ativas e de atuação dos Exércitos, certos elementos, às vezes decisivos, que concorrem para construir a vitória mas nem sempre são devidamente considerados depois que ela se conquista. Tal é o grande problema da síntese, porque nela se corre o risco de prejudicar a justa medida dos fatores que integram a vitória pela gradação inadequada que se lhes atribui no cotejo das suas intervenções relativas para a consumação do fato histórico.

A História Militar nem sempre se elabora no seu sentido puro de História-Ciência, que investe o historiador da responsabilidade de pesquisar friamente os fatos, pon-do em cotejo os erros e os acertos, as glórias e os desastres, analisados tecnicamente, nos seus vários fatores, para o fim de concluir, de julgar e de estabelecer ensinamentos. Muitas vezes ela se desvia

desse papel essencial para revestir-se do aspecto que nos parece mais próprio chamar-se de literatura histórica, pela predominância que se atribui aos acontecimentos, encarados em si mesmos, e focalizados segundo ângulos e proporções que dependem da posição própria e dos objetivos particulares do historiador. Essa literatura histórica, mais narração do que estudo, mais exaltação do que análise, sobretudo nos seus traços heróicos, é tão necessária à preparação psicológica dos Exércitos, à elevação do seu nível moral e à educação cívica dos contingentes de cidadãos que constituem a sua grande massa, como o é a História-Ciência para os Altos comandos e para os grandes estados-maiores, nos seus misteres de preparação para a guerra.

A solenidade comemorativa que agora se realiza não será, sem dúvida, o momento adequado para a apreciação de tais conceitos, mas cumpre lembrá-los aqui para assinalar um dos aspectos mais férteis de ensinamentos em que se nos apresenta o nosso passado militar, quando apreciado para o fim de aproveitarmos a própria experiência brasileira e corrigirmos, em tempo, as deficiências que ela nos aponta.

A História da Engenharia não se restringe, apenas, aos seus feitos heróicos. Ela está escrita, também, no trabalho gigantesco e quase anônimo dos contingentes do Batalhão Vilagran Cabrita e das brilhantes Comissões de Engenhei-

ros a que raramente se referem os elogios das Ordens do Dia em termos que correspondam, realmente, ao papel substancial e à envergadura dos trabalhos que ambos realizaram, na retaguarda e na frente do Exército, para que ele pudesse colher as glórias que colheu.

O papel da nossa Engenharia Militar, no seu duplo caráter de Arma combatente e de Corpo eminentemente técnico, não deve ser nunca encarado nem enaltecido, perante a História, sob ângulos isolados, porque será injusto e inconveniente separar os dois elementos que compõem, fundamentalmente, a tradição dos seus feitos: o trabalho e a ação de combate; a técnica e a bravura.

A Campanha do Paraguai, de onde o legendário Batalhão de Engenheiros regressou com a sua Bandeira coberta de condecorações, deve ser escrita, também, na linguagem fria e impressionante dos relatórios das Comissões de Engenheiros, que aí estão nos arquivos, como uma consagração silenciosa do trabalho que levou as Armas Brasileiras, de objetivo em objetivo, apoiando-lhes a ação, até a vitória final. A guerra de movimento, através de grandes distâncias, e em que o jogo das direções, em terreno difícil e desconhecido, configurava as grandes linhas da manobra, haveria de exigir verdadeiros milagres de capacidade e do esforço dos oficiais do nosso Corpo de Engenheiros, cujos conselhos — é justo que se acentue —

tornaram-se, também, fator importantíssimo na conduta das operações e, até mesmo, na sua concepção. O próprio Caxias prestou ao Senado esse depoimento, que bem permite avaliar a extensão do trabalho dos nossos engenheiros: "É preciso que os nobres Senadores se convençam de que a Guerra do Paraguai, desde o seu começo, foi feita às apalpas. Não havia mapas do país por onde me pudesse guiar, nem práticos de confiança. Só se conhecia o terreno onde se pisava. Era preciso ir fazendo reconhecimentos e explorações para se poder dar um passo."

Não é por outro motivo que os Chefes militares atribuíam tamanha importância às sugestões e aos trabalhos dos engenheiros de que dispunham. No pequeno grupo que desembarcou com Osório na margem inimiga do rio Paraná, na situação ainda incerta dos primeiros momentos, figuravam o Tenente-Coronel José Carlos de Carvalho, Chefe da Comissão de Engenheiros do Exército, e um contingente de 50 sapadores do Batalhão de Engenheiros. E é ainda de Osório o seguinte trecho de uma carta dirigida ao Ministro da Guerra, a respeito de oficiais chamados a serviço ou vindos a pedido para o Rio de Janeiro: "Os oficiais que se têm recolhido à Corte são doentes, e quando pediram a demissão, foi por fraqueza de espírito para suportarem as fadigas da guerra; o Tenente-Coronel Carlos de Carvalho, porém, me faz muita falta, e estimarei que venha breve."

É oportuno lembrar que esses problemas relativos ao terreno e às condições da guerra nós já os tínhamos enfrentado, em condições ainda mais precárias, na luta contra Rosas, que constituiu a primeira grande experiência militar do Brasil independente. O Exército, mal forjado nas pelepas das lutas nacionalistas, ainda não estava organizado para fazer a guerra, quando tivemos de enfrentar a Campanha da Banda Oriental. Houve, como teria que haver, grandes improvisações, para que realizássemos, em menos de três meses, o aprestamento daquelas Forças Brasileiras que iriam, pela primeira vez na nossa História, marchar, estacionar e combater, em grandes escalões. A resolução de organizar o Exército, para pô-lo em condições de fazer a Campanha, fora tomada em fins de 1850, já com muito atraso sobre a evolução dos acontecimentos, que envolviam questões vitais para a nossa soberania. O Corpo de Engenheiros se compunha, então, de seis Coronéis e um total de 150 oficiais. Não havia tropa da Arma, a não ser a Companhia de Sapadores-Pontoneiros que se teve de improvisar mais tarde, a 20 de julho de 1851. A operação da travessia dos cursos d'água era coordenada e dirigida pelo Chefe de Estado-Maior, ficando a cargo das Armas e dos Serviços os problemas de execução. Isso proporcionou às Unidades combatentes uma experiência preciosa, através de longos e difíceis percursos, a respeito da importância e das dificuldades dos traba-

lhos que elas próprias tinham de executar. Não bastavam os conselhos e a colaboração dos engenheiros, que atuavam, junto aos comandos das Grandes Unidades, como verdadeiros assessores técnicos. Era flagrante a falta de mão-de-obra especializada. A experiência foi grande, e o Exército tratou de aproveitá-la logo que, terminada a guerra, regressou aos seus quartéis de paz. A importância que, desde então, se atribuiu a tais problemas transparece da escolha dos oficiais que iriam integrar a primeira Unidade de Engenharia, o antigo Batalhão de Engenheiros, organizado a 1.º de abril de 1855. Basta citar o nome do seu primeiro comandante, Hermenegildo Porto Carrero, o de Vilagran Cabrita, que o comandou na Ilha da Redenção, e o de Conrado Bittencourt, que o conduziu, a partir daí, através de todo o resto da Campanha, trazendo-o, de regresso a antigo quartel na Praia Vermelha, com a sua Bandeira coberta das condecorações e das glórias de que é, hoje, depositário o atual Batalhão Vilagran Cabrita.

Os ensinamentos da Guerra do Paraguai são, porém, muito maiores e muito mais amplos. Eles assinalam as graves deficiências nacionais em matéria de transportes, de cartografia, de técnica aplicada, de indústria militar e outros, para cuja solução, na guerra, como na paz, muito se exigiu e muito ainda se exige da nossa Arma de Engenharia, sobretudo na época atual, em que a eficiência dos Exércitos repousa, em última análise, na or-

ganização e na economia nacionais que os apóiam e no padrão do povo em cuja massa eles se mobilizam. Entendida nesse sentido amplo a preparação para a guerra, torna-se evidente a importância do papel da nossa Engenharia Militar, em muitos campos precursora e estimuladora da técnica civil, pelo valor das suas realizações na obra da construção nacional e da organização do nosso sistema de defesa. A Campanha do Paraguai, que consagrou o denodo e a bravura do Batalhão Vilagran Cabrita, marcando a fase mais heróica da sua vida, agora centenária, foi também a consagração maior das Comissões do antigo Imperial Corpo de Engenheiros, que colaboravam nas decisões do Comando, que palmilhavam e levantavam o terreno das operações, que reconheciam as posições inimigas e eram, na vanguarda das colunas, os "verdadeiros olhos do Exército", como já assinalou o ilustre General Leitão de Carvalho, ao traçar o perfil do Marechal Jerônimo de Moraes Jardim em termos entusiásticos, justos e brilhantes, que compõem, no seu conjunto, um verdadeiro hino ao antigo Imperial Corpo de Engenheiros.

A nossa Engenharia não modificou esse espírito construtor e de luta com que passou à História, através dos cem anos de vida que agora completa o Batalhão Vilagran Cabrita, verdadeiro marco da sua fundação. Ela o desenvolveu, pela criação de novas Unidades, pela ampliação e especialização dos seus quadros e pelo emprego de novas técnicas. E é ainda den-

tro desse mesmo espírito que a vemos, hoje, instruir-se, nos seus quartéis, para as missões que lhe cabem na guerra, ao mesmo tempo em que se empenha, com entusiasmo e com fé inquebrantáveis, no Sul e no Norte do Brasil, construindo estradas, semeando o pro-

gresso e melhorando o padrão do elemento humano nas duas regiões de maior significação para a segurança da Pátria, em cuja defesa o heroísmo do seu grande patrono cravou, na Ilha da Redenção, o marco imortal da sua História gloriosa.



Gen Ex Aurelio de Lyra Tavares serviu no Estado-Maior das Forças Armadas sob a chefia do General Mascarenhas de Moraes. Comandou o IV Exército e a Escola Superior de Guerra. Ministro do Exército no Governo Costa e Silva. Foi Embaixador do Brasil na França de 1970 a 1974. É membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Sócio Benemérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. Sócio do Instituto Histórico do Ceará e do Pen Clube. É membro da Academia Brasileira de Letras.